

RELAÇÕES ENTRE O MST E A SOCIEDADE: Apropriações, ressignificações e novas percepções

Márcia Vidal Nunes

Universidade Federal do Ceará

Catarina Tereza Farias de Oliveira

Universidade Estadual do Ceará

Este número de Passagens traz um dossiê com trabalhos que refletem sobre as relações entre o Movimento Sem Terra e a sociedade, ora trabalhando a dimensão linguística dos atos de fala violentos, ora refletindo sobre os projetos educativos realizados pelo MST. Apresentando, ainda, as relações que se estabelecem entre a sociedade e o MST a partir da crescente influência da mídia, a construção da identidade sem terra a partir da mística, e como o MST se apropria de estratégias discursivas da mídia convencional em sua Revista Sem Terra. Outro tema, de grande interesse, enfoca os processos de produção de sentidos e ressignificação dos ditos da TV entre jovens assentados.

‘No primeiro trabalho, “Na periferia dos estudos da linguagem: práticas culturais discursivas do movimento sem terra”, Claudiana Nogueira de Alencar apresenta um estudo das formas linguísticas de violência (atos de fala violentos) e sua ressignificação nos jogos de linguagem, a partir de uma investigação de práticas discursivas específicas (narração e ritualizações) vivenciadas pelos militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST.

O trabalho seguinte, “Extensão e comunicação em práticas educativas com o MST no proner-UECE: dilemas e aprendizados”, de autoria de Sandra Maria Gadelha de Carvalho e José Ernandi Mendes, é uma reflexão sobre os projetos educativos realizados com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ocorridos no

1

âmbito do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que foram efetivados como projetos de extensão universitária, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), no período de 2005 a 2011.

“Movimentos Sociais na Sociedade em Mídia, de Joel Felipe Guindani e Davide Carbonai, apresenta a relação entre movimentos sociais e o novo momento societário, de crescente midiatização, que é ativado por técnicas de comunicação e por práticas comunicacionais decorrentes dos fluxos informacionais. Articula reflexões gerais sobre movimentos sociais, aproximando-as dos fenômenos oriundos da ambiência comunicacional contemporânea, caracterizados como ação produtora de sentido, que estimula, provoca e, em alguns momentos, orienta o ritmo das ações coletivas.

“Dizendo e fazendo o sem terra assentado no MST-CE: rabiscos de uma pragmática etnográfica”, de Marco Antônio Lima do Bonfim, parte da visão pragmática de estudos da linguagem, procurando analisar a construção da identidade do Sem Terra assentado, a partir das consequências produzidas pelo ato de dizer algo (efeitos perlocucionários), em determinadas situações de uso da linguagem. Este estudo buscou, portanto, compreender a constituição do Sem Terra assentado na sua relação com a mística vivenciada pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais residentes no Assentamento Lênin Paz II, no município de Ibaretama-Ceará.

“Construção do discurso jornalístico de resistência da revista sem terra: rupturas e semelhanças com a mídia hegemônica, de Antônio Simões Neto, revela que a história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi marcada por uma constante atuação no campo midiático. A partir do pressuposto de que o MST se apropria de diversas estratégias discursivas operadas pela mídia hegemônica, a questão que norteou o trabalho foi entender como se dá essa apropriação na *Revista Sem Terra*, para materializar e legitimar o discurso jornalístico produzido pelo

movimento. O método utilizado por Simões foi a análise do discurso, trabalhando com as cinco edições da Revista Sem Terra publicadas em 2008.

“Consumo cultural, produção de sentidos e mediações entre jovens sem terra, de Sara Alves Feitosa, reflete sobre o papel que a televisão ocupa em nossa sociedade. Segundo a autora, a tv é um *lugar* de constituição de sujeitos. Seu artigo indaga sobre a relação de sujeitos jovens com os discursos televisivos e pergunta sobre as mediações, os processos de produção de sentidos e ressignificação dos ditos da TV entre jovens assentados.

À medida que a democracia se consolida e os movimentos sociais avançam no campo político, uma série de importantes questões ocupa as investigações de muitos pesquisadores que se dedicam a compreender os processos instalados a partir das complexas relações que se estabelecem entre estes movimentos, a sociedade e a mídia. Estes estudos sobre o MST ajudam a compreender não só a relação dele com vários aspectos sociais, midiáticos e políticos, mas abrem novos caminhos e novas percepções sobre o lugar dos movimentos sociais no processo de organização política da sociedade.

3

SOBRE AS AUTORAS: Márcia Vidal Nunes é professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Graduação em Comunicação Social (1983). Mestrado (1992) e Doutorado (1998) em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Pós-doutorado em Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes (USP) em 2001 e pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). Email: marciavn@hotmail.com

Catarina Tereza Farias de Oliveira possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC (1990), Mestrado em Sociologia pela mesma instituição (1994) e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2002). Cumpriu estágio pós-doutoral em Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), onde desenvolveu pesquisa sobre a comunicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no assentamento de Itapuí, em Nova Santa Rita (RS). É professora adjunto XI da Universidade Estadual do Ceará (Uece). É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da UFC. Email: catarinaoliveira30@gmail.com